

Jardim
perse



crônicas do
amor impossível

antes que eu pudesse me dar conta, desde o princípio, antes mesmo de te conhecer, já te amava. cultivava este amor repleto de promessas imprevistas, em outro hemisfério, em terras distantes, em outro continente, por cruzar mares e oceanos até me encontrar. já amava a tua cor e o teu toque, tuas palavras antes que as ouvisse, já previa o emaranhar de nós e nosso abraço, minha ânsia em percorrer teus relevos e teus segredos, teus pelos em minha boca, a umidade entre tuas pernas. já tinha minhas mãos à espera das tuas, sempre aguardando a tua chegada, o momento delas envolverem os teus peitos. te esperei, repleto de histórias de outras tantas que se desvaneceram no momento em que teus lábios se encontraram com os meus.

guardei para ti rosas e versos, construí
cada palavra, pus em cada uma um gosto de
sol e mel, busquei matizes e luzes. aguardei
que sobre elas derramasses teu sorriso ao
encontrares ali o teu nome. minha
satisfação brotou entre as pétalas do
jardim. o que fiz foi para esquecer as
lágrimas já que agora somente teus dedos
correm pelo meu rosto.

espero o momento de te tocar e sabes que há em ti algo que me envolve e me conquista. esta expectativa é um ensaio que atravessa o abismo entre nossa pele, é um prenúncio de algo em que me fizeste acreditar. algo que me tome quando este momento chegar e quando de mim tu te apoderares. me contento com o teu frágil sorriso e tuas promessas cuja interpretação se perde diante do timbre de tua voz. profeta da incerteza, aguardo do momento sua acontecência. me calo diante da fêmea úmida que sugere cios e sonhos, diante do encanto e do encontro aguardado por nossas línguas.

se amor houvesse, isto me bastaria para desaprender meu caminho, para vagar da praça mauá à cinelândia sem direção, quieto e calado, pequeno, leve, para me perder nas curvas e becos da cidade nua, para que me diluísse na multidão? seria suficiente para tocar teus cabelos, para guiar meus dedos por sob a tua saia até teu úmido reduto, para desejar ouvir de ti um gemido? se amor houvesse, isto me bastaria para que eu admirasse o céu do aterro, insano e vasto, amplo, alto, para criar asas que me levariam até o sol repetindo o voo de ícaro? me bastaria que nos encontrássemos em um horizonte de eventos, que tua respiração se fundisse à minha, que eu tornasse a crer em sonhos? se amor houvesse será que tu entenderias que por tua causa desaprendi o caminho, por tua causa vaguei sem direção, por tua causa me perdi, por tua causa parei para olhar o céu, por tua causa tornei a sonhar?

beijo as pétalas da rosa.
e em minha boca
o meu amor goza.

prometi te amar, assim por inteiro, cada centímetro teu, que trazes debaixo da roupa, sem me importar se já foste santa ou puta, me comprometendo a escutar o que dizias, real ou imaginário. prometi te amar, lúcido ou demente, apesar das coisas pequenas e insanas, grandiosas ou medíocres, ordinárias, desprezíveis, desnecessárias ou imprescindíveis, que preenchem teus calendários, ocupam tua agenda, e que me roubam o sono. prometi te amar, nas tuas insignificâncias e coisas tolas, que transformas em holocaustos, assistindo o modo como te movimentas, o teu piscar de olhos quando mentes, de acordo com teus ardis, teus artifícios. prometi te amar, em cada segundo que nos é subtraído, e apesar da constatação de tuas trapaças, apesar dos nossos fracassos. foi só quando desisti de ti, que pude cumprir a minha promessa.

o quanto vaguei à tua procura, levando comigo tuas palavras, fazendo delas um mantra, uma prece, ao ouvi-las, cultivando a ilusão de que não tinhas partido? quantos amanheceres permaneci revolvendo lembranças que não se desfaziam, a maneira como gesticulavas, teus lábios quando encontravam os meus, como me recebias entre tuas pernas, o branco dos teus dentes. o quanto vaguei me prometendo que te encontraria a qualquer momento, a qualquer custo? essa promessa me resguardando da aniquilação, a sentir o teu cheiro em cada uma que despia, a chamá-las também pelo teu nome.

quando acordei não posso dizer que encontrei o inesperado. aquela manhã, tantas vezes adiada, finalmente se revelava e nascia, contra a minha vontade, no ontem emaranhada. era como se ainda estivesse aqui, restos do teu riso continuavam presentes na cena, tuas mãos a me tocar, minhas coxas entre as tuas, na mesma cama em que nos prometemos ficar juntos para sempre. a luz imprecisa daquela manhã não me permitia acreditar que o teu som havia cessado, restando apenas a ruidosa agonia dos espelhos a me despertar para o indesejado, o inevitável e a vontade de não acordar. o itinerário de teu corpo era agora um teorema, a concretude definitiva da tua partida, na mesma cama em que a outro te entregaste.

foram tantos os que te comeram, a tantos juraste eterno amor. com todos tiveste a certeza de ter encontrado teu par. como acreditar no que me dizes, mais uma vez, com a tua mesma antiga convicção? sou apenas mais um entre os tantos que te comeram. se somente tarde te encontrei e não pude ser o primeiro, não posso cobrar do teu tardio amor ser o último.

tenho sobre a pele o calor de tuas mãos, o toque de teus dedos, o rastro que tua saliva deixou, marcas invisíveis que em minha carne ficaram registradas. tenho a tarde branca liberta de teus pelos que à minha frente se desenrola, repleta de sussurros e silêncios, revirando minhas entranhas, vazia como a página onde escrevo e o horizonte que se cala. caminho sobre a terra desolada que a tua falta criou. levo comigo o teu último beijo. 14 horas, 19 de março, comecei a morrer.

Este livro está a venda em:
<http://sergioprof.wordpress.com>

Contato:

blog: <http://sergioprof.wordpress.com/>

facebook: <https://www.facebook.com/jardimpoeta>

<https://www.facebook.com/poetajardim>

twitter: http://twitter.com/SERGIO_ALMEIDA

linkedin: <https://www.linkedin.com/in/poeta-jardim-a7b0222b>

google +: <https://plus.google.com/+sergioalmeidaJardim>

skoob: <http://www.skoob.com.br/autor/7181-jardim>